

O FRACASSO DA SELEÇÃO BRASILEIRA/2014 RETRATADO PELA FOLHA DE S. PAULO

EL FRACASO DE LA SELECCIÓN BRASILEÑA/2014 RETRATADO POR EL PERIÓDICO FOLHA DE S. PAULO

THE 2014 BRAZILIAN FOOTBALL TEAM'S FAILURE AS PORTRAYED BY NEWSPAPER FOLHA DE S. PAULO

Janaina Andretta Dieder*, **Alessandra Fernandes Feltes***,
Gustavo Roese Sanfelice*, **Manoel Antônio da Silva Jacques Junior***,
Norberto Kuhn Junior*

Palavras-chave

Artigo de jornal.
Futebol.
Sociologia.

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar a cobertura da Folha de S. Paulo sobre a Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 relacionada à seleção brasileira. O recorte foi realizado no período de 12 de maio a 13 de agosto de 2014. A partir das unidades de significados, chegamos às seguintes categorias: "Otimismo, a pátria de chuteiras"; "Vai Brasil! E o desempenho?"; "Descontrole emocional"; "Perde-se o ídolo"; "Fracasso"; "Procurando culpados". Por fim, concluímos que as reportagens de cunho esportivo sempre foram permeadas por questões sociais e políticas, pois o jornal, mesmo tendo modificado seus agendamentos, constantemente diferenciando seus discursos diante da inconstância do futebol brasileiro, não os desvincula de seus objetivos de negócios.

Palabras clave

Artículo de periódico.
Fútbol.
Sociología.

Resumen: El objetivo de este trabajo fue analizar la cobertura relacionada a la Selección Brasileña hecha por el periódico Folha de S. Paulo en la Copa del Mundo FIFA/Brasil/2014. El recorte fue realizado en el período de 12 de mayo a 13 de agosto de 2014. A partir de las unidades de significados, llegamos a las siguientes categorías: "Optimismo, la patria futbolera"; "¡Dale Brasil! ¿Y el desempeño?"; "Descontrol emocional"; "Se pierde el ídolo"; "Fracaso"; "Buscando culpables". Por fin, concluimos que los reportajes de cunho deportivo siempre estuvieron permeados por cuestiones sociales y políticas, pues el periódico, pese a haber modificado sus pautas, constantemente diferenciando sus discursos frente a la inconstancia del fútbol brasileño, no las desvincula de sus objetivos de negocios.

Keywords

Newspaper article.
Football.
Sociology.

Abstract: This study analyzes Brazilian newspaper Folha de S. Paulo's coverage of the Brazilian Football Team during FIFA 2014 World Cup. It covers the period between May 12th and August 13th, 2014. Based on meaning units, we have come to the following categories: "Optimism, the homeland in football cleats"; "Go Brazil! What about performance?"; "Emotional imbalance"; "An idol is lost"; "Failure" "Looking for some to blame". Finally, we conclude that social and political issues always pervaded sport articles because the newspaper did not dissociate them from its business objectives, even though it has changed its agendas by constantly changing its discourses as a result of the inconsistency of Brazilian football.

* Universidade Feevale. Novo Hamburgo, RS, Brasil.
E-mail: janaina.dieder@gmail.com

Recebido em: 04-06-2016
Aprovado em: 26-08-2016



1 INTRODUÇÃO

Os megaeventos esportivos se destacam mundialmente por sua competência de atrair espectadores, de movimentar a economia, de adquirir e agendar novas possibilidades no mercado (sejam produtos ou informações) e, por fim, por ter um forte impacto em diferentes âmbitos na sociedade que acolhe o evento. São diversos estudos e autores que apontam a capacidade destes eventos de atrair numerosos negócios, como, por exemplo, Taffarel, Santos Junior e Silva (2013), que discutem o envolvimento de um conjunto de pessoas e fatores que movimentam países, governos e suas economias. Já Mezzaroba e Pires (2011) ressaltam a fonte interminável de lucro e notícias, Damo (2011) destaca o valor econômico superior ao esportivo e Oliveira (2011) enfatiza que se trata de algo maior que o esporte, a busca pelo lucro.

Desse modo, os meios de comunicação intensificam seus investimentos e programações, mas, principalmente, exploram sua capacidade de construir sentidos e significados em cada cultura. Assim, a Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 ingressou na ordem do dia da mídia e da sociedade brasileira, sendo agendada pelo megaevento.

Em conformidade com esta perspectiva, o autor Gastaldo (2009, p. 362) ressalta que a Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 é “um fato social de enorme importância na cultura brasileira contemporânea e cujo acesso está estreitamente vinculado ao seu caráter mediatizado”. Portanto, foi possível observar, através do discurso da mídia, no mês que antecedeu a Copa, o clima de confiança, a pátria ligada às chuteiras e a partilha sentimental de um objetivo em comum. Afinal, para a seleção brasileira, essa era a oportunidade do hexacampeonato e representaria uma vitória que traria sentimentos de veracidade e esperança aos brasileiros (BRINATI, 2014). Assim, nesse período pré-Copa, o otimismo e o sentimento de sucesso predominavam na sociedade brasileira, justificados pelos grandes investimentos em infraestrutura, produtos criados para venda, estabelecimentos modificados para a recepção de um grande público, entre outros, mas, principalmente, nos discursos midiáticos, agendando a todo momento a força do Brasil em estar com “a mão na taça”.

Igualmente, ficam explícitas a exibição máxima de nacionalismo, a valorização do futebol brasileiro e as características identitárias (ESCHER; REIS, 2008) salientadas no início do megaevento e marcadas pelo excesso de otimismo em relação à seleção. Dessa maneira, a Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 inicia seus jogos com espetacularidade em campo, abundância de gols e fatos inéditos, como o bom desempenho do futebol sul-americano; as goleadas de pequenos times, geralmente nomeados como “azarões”, como a Colômbia, em cima de grandes seleções. Ou como o Chile, que gerou a eliminação precoce da Espanha, equipe campeã em 2010, surpreendendo seus adversários e públicos em geral. Com a marca de 2,83 gols por jogo, a primeira fase do Mundial registrou a maior média desde 1958.

Entretanto, a partir do fracasso via campo esportivo da seleção brasileira, as mídias alteraram de maneira drástica seus discursos e suas abordagens quanto à Copa do Mundo FIFA Brasil 2014. Elas transformaram preleções identitárias, que fomentam o otimismo e o orgulho de ser brasileiro, em discursos que destacam o nervosismo, a instabilidade emocional, o choro e a luta que os jogadores e a comissão técnica passavam para se manter na Copa. Além do mais, após o afastamento do expoente técnico do Brasil, Neymar, houve a necessidade de encontrar um culpado para assumir as responsabilidades do desgosto da perda e os motivos reais desse acontecimento.

Dentre os grandes jornais brasileiros que cobriram a Copa do Mundo de Futebol em 2014, optamos por analisar a *Folha de S. Paulo* por ser o jornal brasileiro de maior média de circulação, naquele ano, segundo o *ranking* da Associação Nacional de Jornais - ANJ (média de 351.745, somados impresso e digital; seguido pelo *O Globo*, do RJ, com 333.860 e *Super Notícia*, de Minas Gerais, com 318.067). Este estudo da cobertura da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 pelo jornal *Folha de S. Paulo* teve como foco especial a seleção brasileira.

2 EXPECTATIVAS, IDENTIDADE E ESPORTE

O esporte, seja qual for, tornou-se fundamental nas sociedades modernas para a identificação dos indivíduos com os grupos a que pertencem, oportunizando a formação e a manifestação de sentimentos coletivos (DUNNING, 2003). Os meios de comunicação se relacionam com o seu receptor/consumidor através de processos identitários (formas de enquadramentos) permeados pela cultura em que ele está inserido, incluso nos mais diversos campos. Dessa forma, os enquadramentos atuam fundamentalmente no contexto idealizado do leitor, que é um componente essencial para o estabelecimento da comunicação (SANFELICE *et al.*, 2014).

Por conseguinte, a Copa, que gerava expectativas na população brasileira, ao abrir com um gol contra de um dos seus jogadores, questiona e fomenta qualquer sentimento de identificação com a seleção. Mesmo que a equipe não ratificasse todas as esperanças lançadas sobre ela em sua estreia, demonstrando um desempenho duvidoso, as mídias ainda explanavam sua reputação assegurada internacionalmente, utilizando como estratégias seus títulos invejáveis, lembrando conquistas com declarações, imagens, entrevistas e publicações diversas (DAMO, 2006).

Os autores Vincent e Hill (2013) já alertavam que a identidade nacional se vê reforçada através da edificação seletiva de versões arquitetadas da realidade do país, sustentando-se exclusivamente nos acontecimentos do passado como parte da consciência nacional. Todavia, o “maracanazo” ocorrido na Copa de 50 assombrava a seleção, uma das únicas campeãs a não ter vencido o Mundial em seu país, fato que faz com que esta derrota seja a mais lembrada para os brasileiros (DAMO, 2012), episódio que perturba e incomoda.

Ao passar para as oitavas de final, a seleção brasileira se envolveu em um clima de tensão e sufoco, quando suas grandes aparições na mídia eram frisadas pelo descontrole emocional dos jogadores. De acordo com Damo (2006), o que vale, em época de Copa do Mundo, são as estratégias de manipulação dos símbolos nacionais e a circulação das emoções, como ocorreu nesse período, e aumentaram em grande escala com a perda do jogador Neymar nas quartas de final.

Essa perda causou forte incerteza na conquista do hexa, comovendo a torcida brasileira e modificando estruturalmente a forma como a seleção jogaria. Sem contar com Neymar, o time brasileiro abandonou o discurso de favoritismo, vivendo um drama épico na perda da semifinal, sofrendo a pior derrota da história (assim mencionada pelos jornalistas). Logo, as mídias começaram com as comparações com a geração derrotada da primeira Copa no país (1950), estabelecendo o “veredicto” de uma crise e decadência do futebol brasileiro, o que pode influenciar numa possível perda de identificação entre torcedores e a seleção brasileira (BRINATI, 2014).

As expectativas em relação ao hexacampeonato eram grandes, porém, a seleção fracassou, registrando outra derrota em casa, mas, dessa vez, no Mineirão. Aspectos como otimismo, desempenho, atuação, resultados e fracasso tematizaram a Copa do Mundo FIFA 2014 em relação à seleção brasileira e foram enquadrados de diversas maneiras pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como descritivo/quantitativo/qualitativo, tendo como *corpus* o jornal *Folha de S. Paulo* referente às edições de 12 de maio a 13 de agosto de 2014, compreendendo o mês que antecedeu a Copa do Mundo, o período em que o evento transcorreu e o mês posterior à sua realização. Nesta investigação, o método quantitativo averiguou as particularidades estruturais, e o qualitativo, as questões processuais, promovendo, assim, “uma maior contextualização dos qualitativos, consultando-se dados quantitativos e realizando uma verificação extra de sua plausibilidade” (FLICK, 2009, p. 133).

O método selecionado para a efetivação da análise dos dados desta pesquisa foi a análise de conteúdo de Bardin (2011). Dividimos a análise em três fases Bardin (2011):

- 1^a) Fase pré-análise textual e temática: desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais da cobertura. A fase compreendeu a leitura geral do material eleito para a análise. Para isso, efetuamos a fragmentação do discurso em categorias, a partir da análise dos textos relacionados à seleção brasileira (as reportagens, as colunas, os artigos de opinião), as imagens, os editoriais, os painéis, os títulos, as capas, as notícias, as notas e outros canais publicados nos cadernos do jornal *Folha de S. Paulo* (Caderno Opinião, Poder, Mundo, Mercado, Cotidiano, Esporte, Ilustrada, Turismo, Guia Folha, Folha Invest, Folha Corrida, Caderno Tec e Folhinha).
- 2^a) Fase da exploração do material: constituiu na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias. Bardin (2011) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo.
- 3^a) Fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação: tratou de captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material analisado. Nessa etapa, os processos qualitativos possibilitaram efetuar uma verificação textual, levando em consideração o fundo contextual e as suas dimensões, que dão conta da constituição do discurso em distintos níveis de descrição. As dimensões contextuais ligam-se com essas descrições estruturais com características díspares do contexto, como as técnicas cognitivas e as representações, ou os elementos socioculturais (DIJK, 1990).

A análise comparativa foi realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes. Estabelecemos, assim, as seguintes categorias (criadas a partir do material empírico analisado, não sendo apriorísticas) a partir da codificação do material analisado:

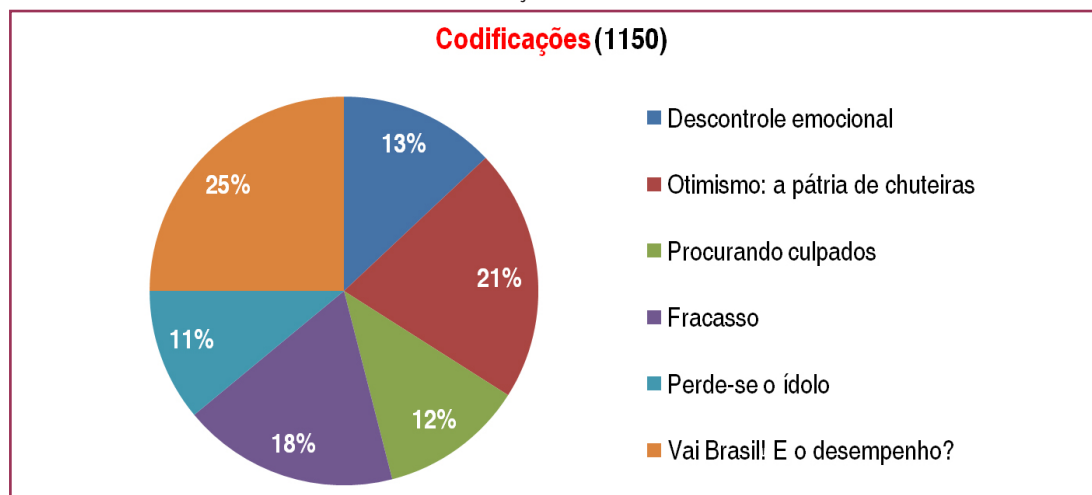
1. **Otimismo, a pátria de chuteiras:** compreende o período pré-Copa, de 12 de maio a 11 de junho de 2014.
2. **Vai Brasil! E o desempenho?:** refere-se ao início da primeira fase do Mundial, de 12 a 27 de junho.
3. **Descontrole emocional:** representa o período das oitavas de final, de 28 de junho a 3 de julho.
4. **Perde-se o ídolo:** concerne à fase das quartas de final, de 4 a 7 de julho.
5. **Fracasso:** corresponde às etapas da semifinal e final, de 8 a 13 de julho.
6. **Procurando culpados:** infere ao período pós-Copa, de 14 de julho a 13 de agosto.

As informações foram apresentadas por meio da estatística descritiva, reproduzidas por percentuais e exploradas qualitativamente, demonstrada pelo gráfico pertinente às categorias estabelecidas pelo jornal analisado, *Folha de S. Paulo*, sendo que cada unidade de significado foi chamada de codificação após a sua classificação nas categorias analíticas.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O Gráfico 1, abaixo, representa o total de codificações extraídas do jornal *Folha de S. Paulo* (1150) no período do recorte. Seguindo a lógica da construção da notícia, em que o fato preponderante, no período de análise do recorte, é a seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014 e nos períodos que a antecedem e a sucedem, a categoria **“Vai Brasil! E o desempenho?”** configura-se com 25% do total (286 codificações), seguida de **“Otimismo: a pátria de chuteiras”**, com 21% (238 codificações), 18% **“Fracasso”** (203 codificações), 13% **“Descontrole Emocional”** (155 codificações), 12% **“Procurando Culpados”** (145 codificações) e 11% **“Perde-se o Ídolo”** (123 codificações).

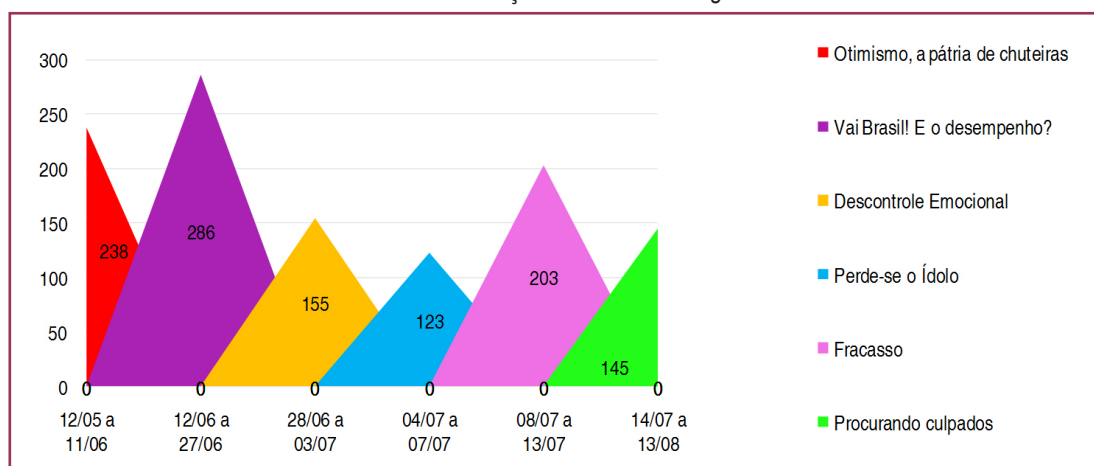
Gráfico 1 - Total de codificações extraídas da *Folha de S. Paulo*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Já o Gráfico 2, que segue abaixo, representa a variação relativa das categorias ao longo do tempo e evidencia a força que cada uma assume em dado período em relação às demais. Isto é, destaca o tempo de agendamento que o jornal utiliza para seu discurso e a quantidade de codificações que predominam diante de fatos que ocorreram durante a Copa do Mundo. Apresentaremos e discutiremos, portanto, alguns realces do discurso da *Folha de S. Paulo* em cada categoria do período do recorte.

Gráfico 2 - Variação relativa das categorias



Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre 12 de maio e 11 de junho, período pré-Copa, a categoria “**Otimismo: a pátria de chuteiras**” somou 238 codificações, correspondendo a 21% do total de codificações pesquisadas. No dia 27 de maio, a capa do Caderno de Esportes da *Folha de S. Paulo* traz a seguinte chamada: “Otimismo aqui... Em estratégia combinada com Felipão para empolgar torcida, Parreira diz que Brasil já está com uma mão na taça”. Nesta categoria, o jornal ressalta todas as codificações sobre discursos identitários, que fomentam o otimismo e o orgulho de ser brasileiro, como o coordenador técnico expõe com sua declaração, alimenta o sensacionalismo, o espírito do torcedor e fortalece seus traços de identidade com a seleção brasileira, promovendo uma excelente estratégia, seguindo o modelo de campanhas vitoriosas do passado.

No último amistoso da seleção antes da Copa, no dia 7 de junho, a capa da *Folha de S. Paulo* e a capa do Caderno de Esportes estamparam Fred como salvador da seleção com o gol da vitória por 1 a 0 sobre a Sérvia. Também destaca a aprovação da seleção refletida pela aceitação do seu técnico, pois 68% dos brasileiros acreditavam que Felipão estava realizando um excelente trabalho e estavam confiantes no hexacampeonato. Diante de tal constatação, a Felipão só restava ser campeão novamente, já que “em uma Copa do Mundo a seleção brasileira sempre é apontada como uma das favoritas ao título” (GASTALDO, 2013, p. 192) ou protagonista da frustração diretamente proporcional.

A categoria “**Vai Brasil! E o desempenho?**”, em apenas 15 dias, abrangeu 25% do total pesquisado, perfazendo 286 codificações. Corresponde ao início da primeira fase do Mundial, compreendendo as datas entre 12 e 27 de junho. A capa da *Folha de S. Paulo* do dia 13 de junho estampou uma foto de Neymar com as mãos para o céu em gratidão, vinculando a associação de estender os braços a Deus com a ajuda quase divina recebida no erro cometido pelo árbitro japonês ao assinalar o pênalti não existente em Fred, proporcionando a tranquilidade que a seleção necessitava para virar o jogo, após sair perdendo com gol contra de Marcelo, trazendo como título: “Brasil abre a Copa com gol contra, virada e vaia a Dilma” (BRASIL..., 2014).

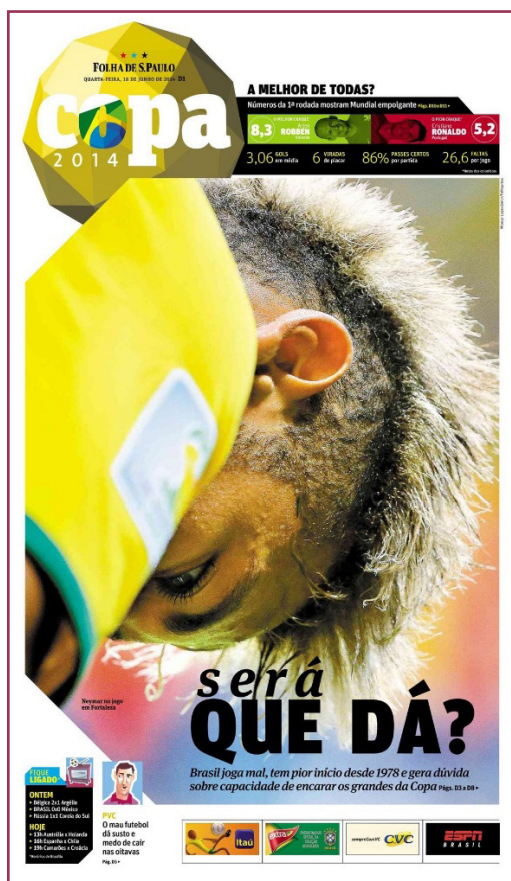
Neste início de Copa, colunistas do jornal questionam o excesso de otimismo e a prepotência dos jogadores, comissão técnica e torcedores de acreditar ser impossível perder a Copa em casa. Gastaldo (2013, p. 194) afirma que “[...] a expectativa inicial é invariavelmente confiante, a crença de que a seleção brasileira vencerá todos seus jogos por goleada e terminará a Copa como campeã invicta”. Contudo, mesmo sendo a maior favorita, mal havia iniciado a competição e o jornalista Tostão (2014a, p. D4), em sua coluna, já adiantava um pensamento

antagonista, alertando sobre um discurso preexistente: em caso de derrota, a justificativa seria que os jogadores não suportaram a pressão e a responsabilidade; se fosse campeã, seria exaltado o fato de jogar em casa, apoiada pela torcida.

Após a estreia da seleção, mesmo que o jogo não tenha agradado a maioria dos brasileiros, a *Folha de S. Paulo* exalta os feitos de Felipão, contornando esta insatisfação, enaltecendo-o como o técnico que ganhou todos os jogos que disputou em Copas pelo Brasil, além de deter a marca de segundo melhor ataque na história das Copas. Esses fatos são lembrados de modo estratégico pelo jornal, pois o Brasil não havia iniciado bem sua campanha na Copa de 2014, portanto, essas conquistas foram exacerbadas para lembrar a todos que a seleção tinha uma reputação garantida no campo internacional independentemente de seu mau desempenho (DAMO, 2006).

No dia 18 de junho, após a partida contra o México, a *Folha de S. Paulo* estampa em sua capa Ochoa, goleiro mexicano destaque do jogo que parou o ataque brasileiro, juntamente com o seguinte questionamento: “Vai ter hexa?” (2014, capa). Na capa do Caderno de Esportes, encontra-se uma foto de Neymar abatido, olhando para o chão, e o novo questionamento: “Será que dá?” (2014, p. D1). Assim, as capas retratam e reforçam o sentimento de insegurança ocasionado pelo desempenho insatisfatório que a seleção estava tendo, gerando dúvidas sobre a conquista do hexacampeonato, frustrando a torcida que assistia ao espetáculo no estádio Castelão. Esse resultado causou preocupação, demonstrada no seguinte trecho: “O excesso de juventude dá medo de cair nas semifinais. O mau futebol dá susto e receio de ficar nas oitavas” (SHOW..., 2014, p. D5).

Figura 1 – Capa do Caderno de Esportes da *Folha de S. Paulo* no dia 18 de Junho de 2014



Fonte: jornal *Folha de S. Paulo* - <http://acervo.folha.com.br/>

A seleção, cada vez mais, dependia de Neymar e alguma jogada de genialidade individual, na qual definiria o jogo, tornando-o herói, salvador do time e idolatrado pela torcida (MOSTARO, 2014). Neste momento, percebia-se que as marcas intrínsecas do jogador brasileiro, tais como alegria, diversão e habilidade, nas quais configuravam o jogo bonito, não apareceram nos primeiros jogos do Brasil nesta Copa (HELAL, 2006). O estilo brasileiro de jogar futebol, caracterizado pela individualidade, arte e malandragem, ficava somente a cargo de Neymar, craque da seleção (RODRIGUES, 2010). Entretanto, como corrobora Guedes (2009), a criatividade e a espontaneidade, ou seja, as habilidades excepcionais do jogador brasileiro, sobrepujam o investimento técnico e tático envolvidos no futebol moderno, problemas estes destacados na atuação da seleção nesta Copa.

Figura 2 – Capa do jornal *Folha de S. Paulo* no dia 24 de Junho de 2014



Fonte: *Folha de S. Paulo*

A capa acima, da *Folha de S. Paulo* do dia 24 de junho, estampa o título: “Brasil muda, goleia e pega Chile na primeira decisão” (2014, capa). No centésimo jogo da seleção em Copas, o Brasil confirmou seu favoritismo ao aplicar uma goleada sobre a seleção camaronesa, garantir a vaga e escapar de enfrentar a Holanda nas oitavas. Assim, o jornal define o jogo como uma reação, mantendo as esperanças da torcida ao final da partida, citando como exemplo o grito de guerra da Copa das Confederações “o Campeão voltou”. Destaca-se, ainda, de acordo com Gastaldo (2013), que o desempenho do próprio time influencia diretamente na adesão dos torcedores à seleção brasileira, que, após viver um momento de tensão, voltou a acreditar na possibilidade de ir adiante.

A categoria “**Descontrole emocional**” entra em destaque no período de 28 de junho a 3 de julho, somando um total de 155 codificações, sendo 13% do total analisado. “Pelo alto!”

(2014, capa) é a capa da véspera do “mata-mata” entre Brasil e Chile, onde a seleção aposta no jogo aéreo contra o time com menor estatura da Copa, média de 1,75 m. É importante ressaltar que, desde as categorias de base, um dos pré-requisitos para conseguir uma vaga em um time de futebol brasileiro é a estatura, “a preparação física é intensificada, formando jogadores mais fortes do que habilidosos” (RODRIGUES, 2004, p. 277), a adequação do biótipo do jogador brasileiro aos novos padrões mundiais estimula o debate entre o futebol-força e o futebol-arte.

“Tensão!” (2014, D1) é o título da capa do Caderno de Esportes com a foto de Thiago Silva, receoso. O capitão e o treinador admitem o nervosismo brasileiro antes do jogo decisivo em Belo Horizonte e Felipão se recusa a declarar que a seleção é favorita, surpreendendo ao minimizar o impacto de eventual derrota. Já Juca Kfourri (2014a, D3), renomado jornalista, em sua coluna diz:

Confiante na vitória brasileira, porém, não pelo momento atual da seleção, mas pelo histórico, o Chile sempre vem para ganhar os jogos contra o Brasil e acaba levando muitos gols. Excesso de confiança? Nada disso. Realismo que passa pela possibilidade de uma surpresa para a qual o Brasil não está preparado. E que permite encarar o embate com absoluta serenidade.

O realismo sobre qual Juca escreve é referente à real possibilidade de um novo “maracanazo”, já que o time do Brasil não haveria convencido ainda. Xico Sá (2014, D10), escritor, em sua coluna na *Folha de S. Paulo* também ressaltava que: “Temo hoje o Chile pela mesma razão da confiança da maioria dos brasileiros: a tal da freguesia”. Após o jogo, a *Folha* contorna sua visão pessimista e utiliza a seguinte expressão: “Júlio César e a trave salvam Brasil de vexame em casa” (2014, capa). Na capa do Caderno de Esportes a palavra “chorando” (2014, D1) ganha destaque junto à foto dos jogadores abraçando o goleiro Júlio César, e se destacavam também suores e lágrimas que envolviam vários integrantes do time e da comissão técnica antes das cobranças dos pênaltis.

No dia 2 de julho, a *Folha de S. Paulo* traz uma foto no Caderno de Esportes com Felipão e seis dos principais jogadores titulares da seleção com o seguinte título em negrito e letras garrafais: “BRASIL NO DIVÃ. Felipão chama psicóloga às pressas para ajudar a tratar instabilidade emocional dos jogadores” (2014, D10, D11). Para Rubio (2006), “prevalece a vitória a qualquer custo, pois somente ela tem o poder de encobrir a sombra do esporte de alto rendimento chamada derrota”. No dia 4 de julho, a capa do Caderno de Esportes indaga: “Virou o jogo? Após tensão e choro contra o Chile, Felipão vê time bem psicologicamente, diz que não haverá guerra contra a Colômbia e repete que o Brasil está com a mão na taça” (MOTIVADO..., 2014, D1). Porém, há o questionamento sobre a capacidade do time de ganhar, pois se classificou nos pênaltis com direito a bola no travessão no final do jogo, jogando em casa. “O que demonstra como o esporte de massa, no caso, o futebol, expressa, de forma peremptória, conflitos e sentimentos intensos latentes em uma cultura” (HELAL, 2001, p. 152). Assim, as declarações do treinador, que no começo da Copa tinha 68% de aprovação, serviram para manter o sentimento de confiança dos torcedores buscando apoio ao invés de críticas.

A categoria “**Perde-se o ídolo**” abrange a fase das quartas de final, de 4 a 7 de julho, caracterizando-se pelo menor número de codificações (123) averiguado no período de análise, visto que ela se constitui somente por três dias do recorte. Na capa do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 4 de julho, bem como na capa do Caderno de Esportes, Felipão disse que a seleção estava bem psicologicamente, apesar do choro no jogo contra o Chile, e que jogaria mais à

vontade contra a Colômbia, reiterando que a equipe estava “com a taça na mão”. Colunistas da *Folha* conduziram seus discursos apoiando o Brasil e destacaram relações de competência da seleção, como, por exemplo, que o time não perdia em casa havia 40 jogos e que contra os colombianos houve duas derrotas em 20 disputas. Mostaro (2014, p. 362) afirma que a “memória coletiva” é “frequentemente ativada pelos meios de comunicação, com a busca de antigas seleções e craques” para sustentar uma necessidade atual.

Assim, os jornalistas protegiam a credibilidade da seleção, pois realmente acreditavam na possibilidade da vitória jogando contra a Colômbia. Mal sabiam que o craque da seleção brasileira, o personagem herói, iria ganhar não só o jogo, mas lágrimas de tristeza do povo brasileiro. As capas do jornal e do Caderno de Esportes do dia 5 de julho trazem como título “Brasil vai à semifinal, mas Neymar está fora da Copa” e “Sem ele dá?”, respectivamente, com a imagem do jogador Neymar caído e com aspecto de dor/sofrimento.

Figura 3 – Capa do jornal *Folha de S. Paulo* no dia 5 de julho de 2014



Fonte: *Folha de S. Paulo*

Zúñiga, jogador colombiano, atingiu o craque brasileiro, que fraturou a 3ª vértebra lombar e ficou fora da Copa. Apesar de a seleção ter vencido a Colômbia, a notícia da lesão de Neymar repercutiu em jornais internacionais, e autores da *Folha de S. Paulo* questionaram o favoritismo do Brasil, afirmando até que os brasileiros viraram azarões diante das circunstâncias e que Alemanha assumia o cargo de favorita. Ponderando sobre isso, Helal (2001, p. 154) reforça que:

De fato, um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis.

Apesar de o espetáculo esportivo competitivo requisitar o herói, os torcedores alternaram seus sentimentos entre comoção e esperança. Enquanto uns diziam que o Brasil não teria mais chances sem Neymar, outros apostavam na reação da equipe. Durante o jogo, a torcida incentivou com gritos, referenciando o orgulho de ser brasileiro, sem vaias. Assim, percebe-se que, após a “queda” do ídolo, consagrou-se a sua “humanização”, e os torcedores “descobrem” o “homem mortal”, familiarizando-se e acolhendo a sua tragédia. Igualmente, “[...] o ídolo cumpre a função de agrupar em torno da sua figura as diferenças de uma sociedade que se solidariza com seu drama” (HELAL, 2001, p.160).

No dia 6 de julho, a *Folha de S. Paulo* observa que a ausência de Neymar era como se alguém tivesse morrido, um exagero que exigia reflexão. É notória, através do discurso do jornal, a dramatização do ocorrido, sendo mais relevante do que o fato em si na compreensão dos princípios que orientam o imaginário coletivo (HELAL, 2001). Na capa do dia 8 de julho, o jornal ressalta que o Brasil buscava uma vaga na final em jogo contra a Alemanha com um time que nunca havia jogado junto, com David Luiz de capitão e Oscar no lugar de Neymar. Com isso, a seleção abandonou seu discurso de favoritismo chegando à semifinal com um drama épico. Nos cinco dias que abrangeram a semifinal e a final, 8 a 13 de julho, encontramos 203 codificações que caracterizaram a categoria “Fracasso”.

Figura 4 – Capa do jornal *Folha de S. Paulo* no dia 9 de julho de 2014



Fonte: *Folha de S. Paulo*

“Seleção sofre a pior derrota da história – Alemanha faz 7 a 1, esmaga Brasil e está na final da Copa – País revive trauma de 1950 como anfitrião – Scolari assume responsabilidade por vexame, o maior em 100 anos” (2014, capa). Manchetes da capa da *Folha de S. Paulo* do dia 9 de julho que, segundo Brinati (2014, p. 409), instauraram na seleção brasileira o estereótipo de uma “equipe fracassada, que causou ao país vexame maior que a, até então, mais traumática derrota em Copas”. De acordo com colunista da *Folha*, a fratura na vértebra do craque Neymar pareceu uma imagem sob medida para essa seleção. Corroborando isso, Helal (2001, p. 153) afirma que:

Curioso é que a derrota não pode ser explicada simplesmente porque um time jogou melhor que o outro. Utilizamos frequentemente de explicações que transcendem o campo de jogo. Afinal, somos o “país do futebol” [...] berço do atleta do século. Orgulhamo-nos disso e depositamos na seleção muito mais do que uma simples vontade de vencer uma partida de futebol: fazemos dela um símbolo dos nossos desejos e temores. Por isso, as construções das vitórias e das derrotas da nossa seleção sejam tão reveladoras de sentimentos mais profundos, que não se esgotam em análises técnicas de partidas de futebol.

“Se em 1950 o 2 a 1 para o Uruguai teve contornos trágicos, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação. A seleção conheceu a maior derrota de sua trajetória centenária e o pior revés de um anfitrião de Mundiais” (SELEÇÃO..., 2014, capa). Com a segunda oportunidade de sediar o mundial, criou-se uma expectativa de “vingar” esta perda e ganhar o título em casa. Entretanto, a catástrofe no Mineirão remonta a uma derrota mais traumática que a de 50, sendo uma jornada mitificada pelo discurso do jornal (BRINATI, 2014).

“O trabalho não foi de todo ruim, diz Felipão” (2014, capa). O técnico afirmou que a derrota decorreu dos 6 minutos de pane geral, que se tornaram um revés histórico. O jornal colocou os sete gols alemães como sete bofetadas, as quais tinham o efeito de alertar o ex-país do jogo bonito para a sua medíocre realidade. A vitória da Alemanha quebrou todos os recordes negativos da seleção, os principais jornais do país e do mundo destacaram a goleada por 7 a 1; o tombo foi muito maior e a repercussão insuperável (BRINATI, 2014).

No último dia da Copa do Mundo, 13 de julho, a capa da *Folha* diz que “Brasil repete erros, perde da Holanda e fica em 4º lugar” (2014, capa). A derrota da seleção com vitória fácil da Holanda deixou a situação de Felipão insustentável, aparentando uma equipe fracassada, desde seus jogadores até representantes da comissão técnica e da coordenação da Confederação Brasileira de Futebol, questionados ao longo dos textos. O jornal adotou um discurso de representação com escolhas semânticas que encaminham ao alheamento do torcedor à equipe, permutando o afastamento identitário do brasileiro. Assim, iniciam-se novas discussões necessárias para o futebol nacional, como lançar novas bases para o esporte, pois essa comparação com a geração derrotada da primeira Copa no país leva à verificação de uma crise, identificando-se um futebol brasileiro em decadência (BRINATI, 2014).

A categoria “**Procurando culpados**”, com 145 codificações, obteve 12% do total e corresponde ao período de 14 de julho a 13 de agosto. Elena Landau, em sua coluna (2014, p. A2) no Caderno Opinião, critica a CBF e Felipão ironizando declaração do treinador na qual diz que, a derrota para a Alemanha “foi apenas um dia atípico do futebol”, enfatizando a percepção dela e dos torcedores de um “técnico teimoso que insistiu em repetir erros evidentes desde o primeiro jogo”. Foer (2005, p. 108) ressalta que “o estado do futebol brasileiro não poderia ser mais lamentável - não é possível ser mais corrupto, menos estimulante para os torcedores,

menos interessante para os investidores. [...] Os sinais de decadência estão por toda parte”. Juca Kfourri (2014b, D8) reforça o discurso quanto à culpabilidade da CBF pelo mau momento da seleção:

A seleção brasileira registrou seu maior fiasco em cem anos de história e, embora a Copa do mundo tenha sido, futebolisticamente falando, de grande qualidade, o legado esportivo que deixa é a tardia, e urgente, reforma de métodos de gestão na podre estrutura de poder da CBF e suas apaniguadas federações, com a tradicional cumplicidade dos clubes, todos, perdão, pelo chavão, farinhas do mesmo saco da corrupção e da incompetência.

Para Tostão (2014b, D4), “no Brasil, por causa do *marketing* espetaculoso, da indústria do entretenimento e da prepotência, as coisas aconteceram antes dos fatos. O time ganhou a Copa das Confederações como se tivesse ganhado a Copa do Mundo”, mas, embora os meios de comunicação não determinem “ou condicionem comportamentos ou ações sociais, a mídia certamente atua como um fator de poderosa influência no campo social” (GASTALDO, 2009, p. 353). “Erros de Felipão” (2014, D4), esse é o título da reportagem que reescreve os passos do demitido treinador. Há um consenso entre o discurso dos jogadores, imprensa e CBF indicando o estilo Felipão de ser pelo fracasso, segundo a matéria. Porém, podemos observar na mesma página uma matéria sobre a intenção por parte do senador Álvaro Dias de ampliar a fiscalização sobre os recursos da CBF.

Paulo Vinicius Coelho (2014, p. D5) opina que a CBF só indica para os importantes cargos da instituição nomes que já estavam em seu circuito e não produzem ameaça. Ainda cobra dos dirigentes do futebol no Brasil mais ambição para reestruturar as seleções e o brasileiro e questiona a escolha dos nomes que integram a nova comissão técnica ao indagar se “o objetivo da CBF é fazer política ou futebol?”. A CBF vem a ser o alvo de muitos colonistas com sucessivas críticas ao seu modelo de gestão do futebol brasileiro, tendo, nesse período pós-Copa, uma rápida solução para o lugar de Felipão: Dunga, um velho conhecido, foi o escolhido.

5 CONCLUSÃO

Em relação à cobertura da *Folha de S. Paulo*, nota-se que esta modificou seus agendamentos constantemente diferenciando seus discursos diante da inconstância do futebol brasileiro. Primeiramente, no período pré-Copa, sustentava, até mesmo com registros e declarações de vitórias antigas, o valor de apoiar a seleção brasileira e de prosseguir otimista em relação à capacidade do time, demonstrando a importância da identificação brasileira para o jornal, pois, por vezes, quando os torcedores se envolviam com o futebol brasileiro, tinham interesse em saber, ler e problematizar qualquer assunto ligado a ele, projetando um sentimento de ordem, solidariedade e orgulho de um Brasil capaz.

De tal modo, o veículo *Folha de S. Paulo* promovia discursos ufanistas utilizando a performance e o resultado do campo esportivo para criar um vínculo sentimental com a sociedade brasileira, incentivando-a a querer um Brasil vitorioso em todos os sentidos. Também dizia que ser campeão poderia mudar a estrutura inteira de um país. Entretanto, após a queda da seleção, o fracasso foi evidenciado e abordado pelo jornal, discutindo e relacionando a derrota brasileira com falhas diversas, não somente dentro do campo.

Assim, o jornal se apropria da derrota em campo para apontar comportamentos e ações sociais que não condizem com a perspectiva da *Folha de S. Paulo*. Isto é, as discussões permeavam diferentes vias. Ora apontavam para a culpa dos jogadores por seu descontrole emocional, questionando a capacidade destes atletas de executar um futebol ao nível brasileiro, interrogando-os e problematizando o possível declínio das suas qualidades e habilidades técnicas e ora questionavam a integridade da política brasileira e a competência das confederações esportivas, contrapondo com o poder do ídolo em sustentar o time, possivelmente realizando uma analogia entre a presidente do Brasil e sua capacidade em sustentar o país.

Após o drama épico – a perda na semifinal contra a Alemanha –, assim referenciado pela *Folha de S. Paulo*, o jornal abandona totalmente qualquer discurso de esperança referente à seleção brasileira ou ao país, concentrando-se em explicar o maior vexame que já enfrentamos. Sobretudo, apontando culpados e fomentando a insatisfação com a decadência generalizada no Brasil, ressaltando a urgência em métodos que modifiquem a corrupção e a incompetência.

Por fim, nota-se que a *Folha de S. Paulo* tentou fomentar a identificação com os torcedores/consumidores somente com a vitória e a execução de um futebol espetacular. Como este processo não ocorreu, alterou seus discursos em relação ao desempenho da seleção brasileira e os direcionou aos erros e fracassos obtidos dentro e fora do campo. Além do mais, ressaltamos que as codificações de cunho esportivo sempre foram permeadas por questões sociais e políticas, pois o jornal, mesmo tendo modificado seus agendamentos constantemente, diferenciando seus discursos diante da inconstância do futebol brasileiro, não os desvincula de seus objetivos de negócios: vender notícias e estar marcando sempre sua posição nesse sentido.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Ranking dos maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 31 jun. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL abre a copa com gol contra, virada e vaia a Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 13 jun. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/13/2/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

BRASIL muda, goleia e pega Chile na primeira decisão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 24 jun. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/24/2/>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

BRASIL no divã: Felipão chama psicóloga às pressas para ajudar a tratar instabilidade emocional dos jogadores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D10-D11, 2 jun. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/02/20/>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

BRASIL repete erros, perde da Holanda e fica em 4º lugar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 13 jul. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/13/2/>>. Acesso em: 2, mar. 2015.

- BRINATI, Francisco Ângelo. Seleção Brasileira, identificação nacional e imprensa: a representação do “Mineiraten” na Folha de S. Paulo e em O Globo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 402-414, 2014.
- CHORADO. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D1, 29 jun. 2014. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/29/20>>. Acesso em: 27 fev. 2015.
- COELHO, Paulo Vinícius. Falta de ambição. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D5, 20 jul. 2014. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/20/20>>. Acesso em: 6 mar. 2015.
- DAMO, Arlei Sander. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 73-90, 2006.
- DAMO, Arlei Sander. Produção e consumo de megaeventos esportivos: apontamentos em perspectiva antropológica. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p. 67-92, 2011.
- DAMO, Arlei Sander. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento**, v. 18, n. 2, p. 41-81, 2012.
- DIJK, Teun Adrianus Van. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.
- DUNNING, Eric. **El fenómeno deportivo**: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización. Barcelona: Paidotribo, 2003.
- ERROS de Felipão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D4, 15 jul. 2014. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/15/20>>. Acesso em: 4 mar. 2015.
- ESCHER, Thiago de Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. As relações entre futebol globalizado e nacionalismo: o exemplo da copa do mundo de 2006. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 1, p. 41-55, 2008.
- FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- GASTALDO, Édison. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, v. 11, n. 22, p. 352-369, 2009.
- GASTALDO, Édison. O fato social total brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da copa do mundo no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 185-200, 2013.
- GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Org.). **História do esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 453-480.
- HELAL, Ronaldo. **Jogo bonito versus fútbol crioulo**: imprensa e “olhar” argentino sobre o nosso futebol. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói, Intertexto, 2006. p. 165-196.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.p. 149-162.
- JÚLIO César e a trave salvam Brasil de vexame em casa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 29 jun. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/29/2/>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

KFOURI, Juca. Chi-chi-chi-le-le-le. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, D3, 28 jun. 2014a. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/28/20>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

KFOURI, Juca. Um tetra épico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D8, 14 jul. 2014b. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/14/20>>. Acesso em: 4 mar. 2015.

LANDAU, Helena. Fim de papo no Maraca. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A2, 14 jul. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/14/2>>. Acesso em: 4 mar. 2015.

MANUAL da Redação da Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2011.

MEZZAROBBA, Cristiano; PIRES, Giovani Lorenzi. Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 33, n. 2, p. 337-355, 2011.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 354-366, 2014.

MOTIVADO, seguro, tranquilo: o jogo virou? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D1, 4 jul. 2014. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/04/20>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

OLIVEIRA, Alberto. A economia dos megaeventos: impactos setoriais e regionais. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 120, p. 257-275, 2011.

PELO ALTO. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 28 jun. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/28/2/>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, v. 6, n. 11, p. 260-299, 2004.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O fim do passe e as transferências de jogadores Brasileiros em uma época de globalização. **Sociologias**, v. 12, n. 24, p. 338-380, 2010.

SÁ, Xico. Respeite o freguês. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D10, 28 jun. 2014. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/28/20>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

SANFELICE, Gustavo Roese *et al.* Análise comparativa entre os jornais El País e Folha de S. Paulo na final da Copa das Confederações. **Movimento**, v. 20, p. 177-196, 2014. Número especial.

SELEÇÃO sofre a pior derrota da história: Alemanha faz 7 a 1, esmaga Brasil e está na final da Copa – País revive trauma de 1950 como anfitrião – Scolari assume responsabilidade por vexame, o maior em 100 anos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 9 jul. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/09/2>>. Acesso em: 4 mar. 2015.

SERÁ que dá? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D1, 18 jun. 2014. Caderno de esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/18/20/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

SHOW de horrores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D5, 18 jun. 2014. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/18/20>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; SANTOS JUNIOR, Cláudio de Lira; SILVA, Wellington Araújo. Megaeventos esportivos: determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas de Educação Física. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, p. 57-66, 2013.

TENSÃO. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D1, 28 jun. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/28/20/>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

TOSTÃO. Explicações prontas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D4, 15 jun. 2014a. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/15/20/>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

TOSTÃO. Título merecido. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. D4, 14 jul. 2014b. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/14/20/>>. Acesso em: 4 mar. 2015.

O TRABALHO não foi de todo ruim, diz Felipão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 10 jul. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/07/10/2/>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

VAI TER hexa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, capa, 18 jun. 2014. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2014/06/18/2/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

VINCENT, John; HILL, John S. **Media coverage of international sport**. In: PEDERSEN, Paul M. Routledge handbook of sport communication. Abingdon: Routledge, 2013. p. 398-408.

Apoio:

Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS)